



Artigo original

FONOLOGIA SEGMENTAL EM CITSHWA

Lucerio Gundane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

Resumo: A partir de Chomsky e Halle (1968), o estudo descreve a fonologia segmental de Citshwa (S51). São descritos os processos fonológicos que envolvem as consoantes e as vogais de Citshwa, seus constrangimentos fonológicos e as estratégias para a resolução de hiatos. As consoantes são descritas a partir do seu ponto e modo de articulação no quadro dos traços distintivos e são apresentados os contextos da sua modificação. Sendo descritivo e qualitativo quanto à abordagem de análise, o estudo recorreu à pesquisa documental, ao questionário e à entrevista semi-estruturada para recolha de dados. O trabalho de campo decorreu na cidade de Maxixe de 2014 a 2015. Do universo de 300 informantes, seleccionou-se uma amostra de 70 falantes de Citshwa, usando-se variáveis como idade, sexo, nível escolar e língua materna. A população-alvo foi constituída por estudantes, docentes de línguas, líderes comunitários, pastores das Igrejas Evangélicas e professores do ensino bilingue. Durante a transcrição fonética, foram usados os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) e da sua adaptação pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL). Assim, analisados os dados, o estudo mostra que as 5 vogais de Citshwa têm uma distribuição específica dentro das características morfológicas. São comuns vogais longas, apesar de ser um alongamento fonético. A língua recorre à semivocalização, à fusão e à elisão com vista à resolução de hiatos. As vogais das duas extensões estudadas, a aplicativa e a causativa se distribuem morfológicamente, visto que a sua ocorrência não depende da qualidade da vogal do radical. As consoantes, aqui descritas a partir dos traços distintivos, sofrem modificações como: aspiração, labialização, velarização, pré-nasalização e africatação.

Palavras-chave: Citshwa, Fonologia segmental.

SEGMENTAL PHONOLOGY IN CITSHWA

Abstract: The study describes the segmental phonology (Chomsky and Halle, 1968) of Citshwa (S51). It describes phonological processes involving consonants and vowels of Citshwa, their phonological constraints and strategies for resolving hiatus. The consonants are described from their place and manner of articulation according to the distinctive features theory (Chomsky and Halle, 1968) and the environment of their modifications are presented. Following an approach of descriptive and qualitative analysis, the data collection the study relied on documentary research, questionnaire and semi-structured interviews. The fieldwork took place at Maxixe, from 2014 to 2015. From the total population of 300, the study selected a sample of 70 Citshwa speakers, using variables such as age, gender, school level and mother tongue. The target population was made up of students, language teachers, and community leaders, pastors of the Evangelical Churches and teachers of bilingual education. For the phonetic transcription, the International Phonetic Alphabet (IPA) and its adaptation by Summer Institute of Linguistics (SIL) symbols were used. Thus, in the data analysis, the study shows that the 5 vowels of Citshwa have a specific distribution within the morphological characteristics. Despite the fact that they are not contrastive, long vowels are common in Citshwa. The language makes use of gliding, coalescence and deletion to resolve hiatus. The vowels of the two extensions studied, the applicative and the causative, are morphologically distributed, since their occurrence does not depend on the quality of the stem vowel. Distinctive feature is applied in description of consonants which often undergo modifications such as: aspiration, labialization, velarization, pre-nasalization and afraticatization.

Key-words: Segmental phonology, Citshwa.

Correspondência para: (correspondence to:) luceriogundane@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Efectuar estudos contínuos visando à descrição das línguas do grupo bantu faladas em Moçambique constitui, até hoje, um dos grandes desafios dos linguistas moçambicanos. Citshwa (S51) segundo a classificação tipológica de Guthrie (1967/71) é uma língua amplamente falada na província de Inhambane, com um total de 362.142 falantes (INE, 2019), estando nas 9 primeiras posições das línguas mais faladas como língua materna (L1) pela população moçambicana de 5 ou mais anos de idade. Contudo, ela é menos descrita e sistematizada cientificamente, daí a necessidade da sua documentação.

Segundo Ngunga e Faquir (2011), o Citshwa, mutuamente inteligível com Xirhonga e Xichangana, é falado nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, na zona meridional das províncias de Manica e Sofala, na zona meridional de Zimbabwe e na província sul-africana do Transvaal. No que tange às variantes, esta língua apresenta 6, designadamente: Xikhambani, Xirhonga, Xihlengwe, Ximhandla, Xidzonge (ou Xidonge) e Xidzivi.

A partir da fonologia generativa de Chomsky e Halle (1968) e fonologia auto-segmental de Goldsmith (1976), o problema da pesquisa que se levanta centra-se na descrição da forma como se distribuem, nas palavras de Citshwa, as vogais e as consoantes. Por isso, são descritos os processos fonológicos que envolvem as vogais de Citshwa, seus constrangimentos fonológicos, isto é, são apresentadas algumas estratégias com vista à resolução de hiatos em contextos de encontros vocálicos (-VV-).

Assim, com o enfoque sobre as classes naturais definidas por Mateus *et al.*, (2005) como um conjunto de segmentos que compartilham traços semelhantes e, juntamente, sofrem regras fonológicas, o estudo apresenta a tabela das consoantes de Citshwa a partir dos seus ponto e modo de articulação e, de igual modo, descreve tanto os processos fonológicos envolvendo

consoantes, bem como as suas modificações e/ou alterações.

Em termos de contribuição ao nível da teoria linguística, espera-se que o estudo sirva de base para testar a aplicabilidade e a funcionalidade da teoria dos traços distintivos ao estudo da fonologia segmental de Citshwa. Espera-se também que a pesquisa contribua para a elaboração de orientações teórico-práticas e metodológicas no âmbito da educação bilingue, Português e Citshwa, visto que o estudo descreve princípios de organização do sistema sonoro desta língua, por sinal, a menos estudada das duas. Naturalmente, esta situação motivará a comunidade linguística Tshwa, ao ver a sua língua descrita, estudada e valorizada.

A ortografia usada é a proposta no Relatório do IIIº Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (NGUNGA e FAQUIR, 2011). Mas, das 5 variantes do Citshwa referenciadas acima, não se tomou uma variante particular, porque se pretende fazer a descrição desta língua na sua generalidade, tendo em conta a padronização da ortografia de línguas moçambicanas. Quanto ao tom, durante o processamento de dados, uma vez se tratar de uma língua tonal, este foi marcado em todas palavras.

Relativamente à estrutura, o estudo encontra-se subdividido em 5 secções: a primeira, introdução, em que se delimitam os objectivos, a relevância do estudo e o problema da investigação; a segunda secção é reservada à apresentação, primeiramente, do quadro teórico sobre fonologia generativa e, de seguida, da fonologia auto-segmental; a terceira secção é relativa à revisão da literatura, onde são apresentados alguns trabalhos desenvolvidos sobre a gramática de Citshwa; segue a quarta secção com os métodos inerentes à recolha e à análise de dados; por fim, a quinta secção descreve a fonologia segmental de Citshwa; a sexta secção apresenta as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceitualização de fonética e fonologia

Por um lado, a fonética é o estudo dos sons da fala apenas como fenómenos físicos sem se interessar pela sua função na comunicação. Por outro lado, a fonologia é uma área da linguística que investiga os mecanismos pelos quais os sons são usados em diferentes línguas, visando formar palavras e sua forma de expressão. Estuda o sistema dos sons das línguas, factores da sua estrutura e a função do próprio sistema linguístico. A fonologia, tendo o fonemaⁱ como unidade mínima de análise, responde a questões do tipo: como é que o falante reconhece os sons que funcionam na sua língua? Como as propriedades fonéticas são utilizadas pelos falantes na transmissão das mensagens? A relação entre fonética e fonologia é feita por meio de regras fonológicas, algumas particulares, outras universais (KATAMBA, 1989; NGUNGA, 2004; MATEUS *et al.* 2005; NGUNGA e SIMBINE, 2012).

Fonologia generativa de Chomsky e Halle (1968)

Esta secção apresenta a teoria de base que fundamenta a discussão de dados no presente trabalho. Tal como refere Katamba (1989, p. 42), este modelo já tinha sido desenvolvido por Jakobson nos anos de 1950 e 1960. Porém, devido à sua inadequação e insuficiência de alguns traços que representassem as propriedades fonéticas, Chomsky e Halle (1968) trouxeram uma inovação à teoria, propondo a sua revisão introduzindo, entre outras, a noção de traço distintivo e conservando os traços: consonantal [\pm cons], tenso [\pm tens], vozeado [\pm voz], contínuo [\pm cont], nasal [\pm nas] e estridente [\pm estr] e adicionam novos traços como silábico [\pm sil], sonorante [\pm son], alto [\pm alt], posterior [\pm post], baixo [\pm bax], anterior [\pm ant], coronal [\pm cor], arredondado [\pm arred] (KATAMBA, 1989; NGUNGA, 2014).

Chomsky e Halle (1968) distinguem explicitamente duas funções dos traços

distintivos. Uma função, que é idêntica à função dos traços de Jakobson, é captar os contrastes fonológicos das línguas (NGUNGA, 2014, p. 61). Os traços distintivos funcionam de modo binário, com valor [+] que indica a sua presença e o valor [-] que indica a sua ausência, e são entendidos como propriedades que os falantes reconhecem intuitivamente sendo, por isso, identificadoras dos elementos do seu sistema fonológico. A classificação de Chomsky e Halle tem pontos comuns com a classificação tradicional e, de acordo com ela, alguns traços correspondem ao modo de articulação e outros ao ponto de articulação (KATAMBA, 1989, p. 40; MATEUS *et al.*, 2005. p. 186).

Os traços distintivos constituem um conjunto universal de propriedades que servem para classificar os fonemas, por isso, a teoria veio alterar o conceito de fonema como unidade mínima de fonologia (MATEUS *et al.*, 2005, p. 181).

No quadro da teoria dos traços distintivos, dentro das suas características específicas, os segmentos formam classes naturais. Na óptica de Mateus *et al.* (2005, p. 185/6), uma classe natural caracteriza-se pelo facto de todos os elementos que a ela pertencem se poderem definir em conjunto com um número menor de traços do que o necessário para definir cada um deles separadamente. Quanto menos traços forem precisos para definir uma classe de segmentos, mais, natural, ela é. Os elementos das classes naturais estão sujeitos em conjunto a processos, quer fonológicos quer fonéticos, que geralmente não se exercem sobre um único elemento, mas sobre todos os que pertencem àquela classe.

Nesta ordem de ideias, Katamba (1989, p. 42/3) dividiu as classes naturais tendo conta os dois principais grupos de sons, nomeadamente: consoantes e vogais. Para este autor, a maior classe inclui sons consonânticos e não consonânticos, silábicos e não silábicos, soantes e não soantes (obstruentes). Consonânticos ([\pm cons]): sons produzidos com uma obstrução

total ou parcial no tracto vocal. Distinguem-se dos não consonânticos, aqueles que são produzidos sem obstrução; silábicos ([±sil]): trata-se de sons que funcionam como núcleo da sílaba. Estes distinguem-se dos não silábicos, aqueles que ocorrem à margem da sílaba; soantes ([±soan]): sons produzidos com um vozeamento espontâneo, uma vez que na sua produção, o ar passa de maneira relativamente livre através da boca ou através das fossas nasais. Exemplos de sons soantes são vogais, líquidas, *glides* e nasais, que se distinguem das oclusivas, fricativas e africadas que são sons não soantes ou, simplesmente, obstruentes.

No que concerne aos traços de cavidade, que se referem ao lugar de articulação onde ocorre a constrição que o fluxo do ar sofre no tracto vocal, destacam-se: coronais ([±cor]): na produção destes sons, a lâmina da língua eleva-se acima da posição neutra em direcção aos dentes incisivos superiores, à arcada alveolar ou ao palato duro. Fazem parte deste grupo, sons dentais, alveolares, pós-alveolares, palatais, retroflexos, enquanto os labiais, velares, uvulares, faringais são não-coronais; anteriores ([±ant]): na produção destes sons, verifica-se uma obstrução na região da cavidade bucal situada entre os lábios e a arcada alveolar. São consoantes anteriores as labiais, alveolares, alveopalatais e dentais. São consoantes não-antérieures todas as restantes: as palatais, velares, uvulares, faringais e glotais; arredondados ([±arr]): trata-se de sons que são produzidos com um estreitamento do orifício dos lábios. São arredondadas as vogais cardinais primárias recuadas, vogais cardinais secundárias, *glide* lábio-velar, bem como as consoantes labializadas; distribuídos ([±distr]): estes sons são produzidos com uma constrição relativamente longa a nível da linha central do tracto vocal (KATAMBA, 1989, p. 44; NGUNGA, 2014).

No tocante aos traços inerentes ao corpo de língua, para Katamba (1989) e Ngunga (2014) destacam-se: altos ([±alt]): são sons

produzidos pelo levantamento do corpo da língua acima do nível da posição neutra. São sons altos as vogais (ex: [i, y, I, u,]), as *glides* [w, j]), as consoantes palatais (ex: [c, ɕ]), palatizadas, velares (ex: [k, g]) e velarizadas. São sons não-altos todos os restantes: as vogais (ex: [e, o]), as consoantes labiais, dentais, alveolares, uvulares e faringais); baixos ([±bxo]): na produção de sons baixos, verifica-se um abaixamento do corpo da língua em relação à posição neutra. São baixas as vogais abertas (ex: [a]), as consoantes faringais, faringalizadas; recuados ([±rec]): na produção destes sons, o corpo da língua retrai-se para a parte posterior do tracto, o que não acontece na produção de sons não-recuados. São sons recuados as vogais (ex: [o, u]), as consoantes velares, uvulares, faringais, velarizadas, faringalizadas e glotais; sucção velar ([±suc vel]): há sucção na produção de cliques e de consoantes implorativas.

Katamba (1989, p. 45/9) e Ngunga (2014) referem, ainda, que o traço do modo de articulação distingue: contínuos ([±cont]): são contínuos todos os sons em cuja produção não existe oclusão. É o caso das vogais e semivogais. Também é parcial na produção de (ex: [f, v, h]). Ao contrário do que acontece com os sons contínuos, os sons não-contínuos são produzidos com um bloqueamento total do fluxo do ar (ex: [p, b, t, d, n]); laterais ([±lat]): na produção de sons laterais, a parte média da língua abaixa-se, permitindo a saída do ar pelos bordos laterais da língua; nasais ([±nas]): durante a produção destes sons, ocorre o abaixamento da úvula, permitindo a saída do ar pelas fossas nasais; estridentes ([±estridente]): este traço distingue sons que são produzidos com maior intensidade de ruído; distensão ([±dist ret]): os sons com distensão retardada são produzidos com uma oclusão total nalguma região da cavidade bucal seguida de uma ligeira libertação gradual do fluxo de ar tal como acontece na produção de africados (ex: [pf, bv, ts, dz]).

Aplicação da teoria de traços distintivos

Com base nos dados da morfologia do nome da língua em estudo, apresenta-se a aplicação da teoria de traços distintivos:

1. /mùbèdù + íní/
[mùbèdϕíni]
'na cama'

Em (1), *mùbèdwini* resulta da aglutinação da base nominal *mùbèdù* ao sufixo locativo *-íni*. O processo fonológico que explica a ocorrência de [w] na estrutura fonética é representado pela regra que se segue:

2. /+sil, +alt, +rec/ → [-sil]/— [+sil, +alt, -rec]

Importa sublinhar que para os estruturalistas, as regras fonológicas estão simplesmente baseadas na representação fonémica (representação de fonemas) e não revelam com clareza o processo fonológico que ocorre. Ou seja, um segmento apenas se transforma em outro num determinado contexto. No entanto, em conformidade com a teoria de traços distintivos, na regra acima são capturados os contrastes ou transformações fonéticas e fonológicas envolvidas. Nesta teoria, buscam-se outras unidades que capturem melhor as propriedades fonético-fonológicas dos fonemas envolvidos. Em suma, os traços distintivos permitem identificar propriedades de segmentos fonológicos e, em fonologia, estes são entendidos como

propriedades que os falantes reconhecem como identificadoras do seu sistema fonológico.

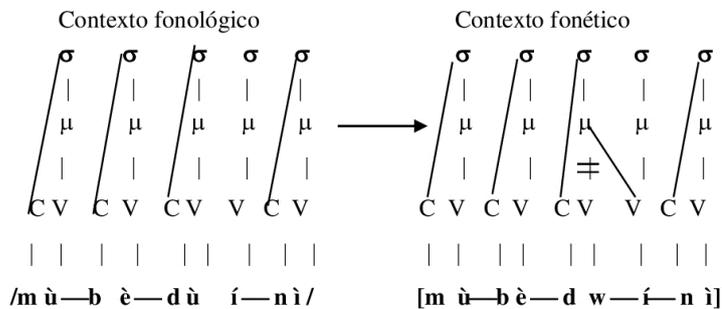
Fonologia auto-segmental Goldsmith (1976)

A fonologia auto-segmentalⁱⁱ é um modelo de análise proposto por Goldsmith (1976). Adoptado, no início, para o estudo do tom nalgumas línguas tonais, este modelo desenvolve uma hipótese segundo a qual as representações fonológicas consistem de vários níveis paralelos independentes chamados *tiers* ou níveis. Estes *tiers* da representação fonológica são organizados e independentes, mas não são isolados uns dos outros. Pelo contrário, eles associam-se numa estrutura hierárquica complexa e são passíveis de interacção (GONÇALVES, 2009, p. 211/214).

Trata-se de uma teoria produtiva no estudo da fonologia das línguas bantu, tendo sido usada por alguns estudiosos moçambicanos, de entre eles, Ngunga (2000), Langa (2013), Gundane (2018), entre outros, razão pela qual se julgou a sua pertinência na presente pesquisa.

A partir da regra formulada em (2), o processo que envolve a transformação da vogal [+alt, +rec] em [-sil, +rec] à luz da fonologia auto-segmental de Goldsmith (1976) fica demonstrado na regra seguinte:

a) /mùbèdù + íní/ b) [mùbèdϕíni] 'na cama'



/mùbèdù + ínì/ fosse bimóricaⁱⁱⁱ se duração vocálica na língua em estudo fosse contrastiva, todavia, não sendo este o caso, e porque a duração na penúltima sílaba é somente fonética nesta língua, assume-se que a mora da vogal /u/ da última sílaba de mùbèdù seja elidida quando esta vogal se semivocaliza quando ela precede uma vogal.

REVISÃO DE LITERATURA

Estudos anteriores sobre a gramática do Citshwa

Esta secção apresenta alguns estudos desenvolvidos sobre a gramática do Citshwa. Em Citshwa existem vários manuais de referência (dicionários e gramáticas), com destaque para Person (1932) e Gundane (2019) e outros de natureza de descrição gramatical (CHAMUSSO, 1996; SEFO, 2000; LAISSE, 2000; ROMÃO, 2001; CHUNGUANE, 2003; ANDRADE, 2005; UETELA, 2009; UGEMBE, 2011; CHIVAMBO, 2013; CAMARGOS *et al.* 2014; SEMENDE, 2020; MUANDO, 2020; UGEMBE, 2020; HOMO, 2021).

Poucos estudos são encontrados no domínio da Literatura, no entanto, há que referenciar Chamusso (1996), num trabalho em que a autora descreve o impacto do contexto cultural para a interpretação e tradução de provérbios de Citshwa para o Português. Na literatura religiosa, além da Bíblia em Citshwa, são comuns livros religiosos que resultam de publicações mensais que estão sob responsabilidade da Organização JW.ORG

Tal como se mostrou acima, pesquisadores moçambicanos têm efectuado pesquisas com vista à descrição desta língua. Sefo (2000) compulsou-se sobre os ideofones do Citshwa; Laisse (2000) estudou a combinação e ordem de extensões verbais em Citshwa; Romão (2001) descreveu a negação verbal em Citshwa (MUANDO, 2020, p. 2).

No mesmo diapasão, Chunguane (2003) descreveu as estratégias de locativização em Citshwa, tendo se centrado na variante Xihlengwe. Andrade (2005) reflectiu sobre a integração do Xihlengwe como variante linguística de Xichangana ou de Citshwa. Por seu turno, Cumbane (2008) descreveu as construções de duplo objecto com enfoque sobre os falantes do Português como língua segunda (L2). Refere ainda que em Citshwa ocorrem construções encabeçadas por um verbo ditransitivo que envolvem dois argumentos duplo objecto.

Uetela (2009) sistematizou as estratégias de concordância com sintagmas nominais complexos em Citshwa. Esta autora concluiu que, nesta língua, a complexidade das estratégias de concordância com sintagmas nominais complexos deve-se a factores intrínsecos à língua (UETELA, 2009 citada por CHIVAMBO, 2013, p. 19).

Visando identificar as estratégias de locativização em Citshwa (morfemas locativos) e descrição dos processos fonológicos resultantes da afixação desses morfemas aos nomes, Chivambo (2013) chegou à conclusão de que, em termos de locativização, o Citshwa faz parte das línguas que inovaram tanto a estratégia de locativização como os morfemas locativos, adoptando a sufixação do morfema locativo *-ínì* como estratégia básica em vez da prefixação de morfemas locativos como acontece em muitas línguas bantu. Em alguns casos, esta língua apresenta o prefixo *ha, reliquia* já lexicalizada da classe 16 (*pa-), reconstruída do Proto Bantu (PB).

Numa análise dos processos de causativização na língua Citshwa por meio da causativização lexical, morfológica e analítica, Camargos *et al.* (2014)^{iv} verificaram que nas causativas lexicais, o predicado não causativo e sua contraparte causativa não apresentam uma correspondência fonológica regular, mas sim, idiossincrática; nas causativas morfológicas, a língua disponibiliza a extensão verbal *-is*, que se pode juntar a

verbos inacusativos, inergativos e transitivos; por fim, nas causativas analíticas, a língua utiliza um verbo causativo pleno, tal como, por exemplo, *kumaha* ‘fazer’, o qual selecciona, como complemento, uma predicação que corresponde ao evento causado.

Tendo se focalizado na fonologia supra-segmental, Ugembe (2011, 2020) mostra que o Citshwa é uma língua tonal e apresenta dois contrastes: o tom alto e o tom baixo. Trata-se de uma análise que visa compreender os factores que motivam a ocorrência do tom alto no verbo. Nesta língua, como em qualquer outra língua tonal, o tom funciona como um fonema. No estudo do verbo, demonstrou que o tom pode ter função lexical e gramatical.

Gundane (2018) estudou tanto a fonologia segmental como a supra-segmental da língua Citshwa, e também identificou e analisou os constituintes tempo, aspecto, modo e polaridade (TAMP) no verbo. Este trabalho teve como inspiração a proposta de Meeussen (1967), segundo a qual, nas línguas bantu, se afixam, ao verbo, todos os morfemas flexionais e derivacionais.

Numa outra perspectiva de abordagem, Chambo (2018) centrou-se nos aspectos pedagógicos com o objectivo de revitalizar os ambientes participativos e interactivos dos alunos em turmas bilingues na disciplina de Ciências Naturais nas classes de pós-transição do programa transicional em Moçambique, tendo concluído que nas primeiras três classes antes da transição (1^a, 2^a e 3^a classes), os alunos aprendem em ambientes de alta participação e de interacção que proporcionam a flexibilidade e dinamismo do processo de ensino e aprendizagem em L2.

Gundane (2019) produziu a Mini Gramática Descritiva de Citshwa e Glossário Temático que, hoje em dia, constitui um grande contributo para o processo de ensino e aprendizagem na comunidade Tshwa. Esta gramática está sendo utilizada não só na Universidade Save, como também em

outros contextos, como é o caso do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, nas diversas escolas da província de Inhambane onde Citshwa constitui língua de instrução e/ou disciplina.

Por sua vez, no domínio da morfologia verbal, Muando (2020) descreve as categorias tempo e aspecto em Citshwa, considerando a abordagem de Nurse (2008), segundo a qual, em línguas bantu, o tempo e o aspecto são marcados por material morfológico segmental (morfemas), elementos supra-segmentais (tons), auxiliares, adverbiais frequenciais e por reduplicação do radical. A pesquisa mostrou que em Citshwa as marcas de tempo passado e aspecto são apresentadas por material morfológico extra, concatenado ao radical na posição pré-radical e pós-radical por expressões frásicas e advérbios de tempo.

Semende (2020) analisou a escrita conjuntiva em Citshwa, essencialmente, pretendendo comparar os textos formais e informais. Esta autora conclui que tanto no contexto formal, como no informal, os textos carecem de uma reescrita, pois, numa análise mais profunda, verificam-se divergências em termos de sentido dos textos devido à não observância das regras da escrita conjuntiva. Por fim, Homo (2021), com base na abordagem qualitativa, desenvolveu um estudo nos distritos de Massinga e Vilankulo na província de Inhambane visando analisar as variações no Citshwa, centrando-se na variante Cihlengwe e Cimhandla.

METODOLOGIA

Esta secção dedica-se a apresentar a metodologia adoptada para a recolha e análise de dados. Quanto ao tipo, corroborando com Vergara (2010) e Santaella (2006), é um estudo descritivo, visto que descreve e analisa a fonologia segmental de Citshwa. Tratando-se de um trabalho de campo relativamente aos meios e/ou objecto (SANTAELLA, 2006. p.

146/7; RUIZ, 2009. p. 50; VERGARA, 2010, p. 42), os dados que fizeram parte da pesquisa foram gerados de diversas fontes: i) Pesquisa documental^v: consistiu no uso sistemático de materiais escritos ou impressos, fontes de natureza primária e secundária, dados produzidos por outros autores no âmbito da fonologia generativa de Chomsky e Halle (1968) e fonologia auto-segmental de Goldsmith (1976).

Foi solicitado aos informantes para fazerem uma ‘auto-administração’ de um questionário, previamente distribuído, contendo questões e vocabulário básico (NELIMO, 2000) em português, incluindo uma lista de verbos, nomes de seres humanos, nomes de animais, partes de corpo humano, plantas, frutas, locativos, produtos alimentares, dias da semana e pronomes. O questionário foi aplicado a 300 informantes previamente identificados entre falantes da língua Citshwa como L1, designadamente, estudantes e docentes dos cursos de línguas da Universidade Save – Maxixe, líderes comunitários, pastores das Igrejas Evangélicas a nível da autarquia de Maxixe, professores afectos às escolas bilingues em Inhambane e técnicos da DPEDH. Dos 300 questionários preenchidos, seleccionou-se uma amostra representativa de 70, usando-se variáveis diversificadas dos informantes, tais como: idade, sexo, nível escolar e proficiência linguística.

Além disso, foi aplicada a entrevista semi-estruturada, uma técnica que permitiu o aprofundamento de alguns pontos levantados no questionário, para atingir informantes que não podiam responder ao questionário, assim como para o treinamento do pesquisador (articulação das palavras do questionário com vista à

marcação do tom), que não é falante nativo da língua em estudo.

Para a análise de dados, foi adoptada a abordagem qualitativa. A escolha desta abordagem justificou-se pelas vantagens aliadas não só ao seu carácter indutivo, holístico e descritivo, como também às técnicas a elas relacionadas que permitiram uma observação minuciosa durante a interpretação dos questionários. Uma vez preenchidos os questionários, seguiu-se à fase de interpretação de dados. Durante a transcrição fonética, foram usados os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

O trabalho de campo decorreu na cidade de Maxixe em 2014 e 2015, pelo facto de ser uma das cidades onde uma grande parte da população tem o Citshwa como L1.

Fonologia segmental do Citshwa

Esta secção é reservada ao estudo da fonologia segmental, objecto do presente trabalho, envolvendo as vogais e as consoantes do Citshwa.

Vogais

As vogais são sons que não sofrem obstrução da corrente do ar durante a sua produção no tracto vocal. Tipicamente vozeadas, elas não apresentam um ponto fixo de articulação. A sua qualidade depende do espaço livre existente na boca e na faringe, da posição dos lábios, do grau de abertura da boca regulado pelo maxilar inferior, da posição da língua em relação à posição neutra, e da tensão dos músculos (KATAMBA, 1989; NGUNGA, 2014). Os exemplos que se seguem mostram a distribuição das vogais cardinais na língua de estudo:

3. Distribuição das (5) vogais:		
/a/	yèná	‘ele’
	pàpílò	‘carta’
/e/	zvóntlè	‘tudo’
	kùtèkà	‘levar’
/i/	kùhàntlísà	‘andar depressa’
	kwàtíni	‘no mato’
/o/	tìsòkòti	‘formigas’
	vhólò	‘cobertor’
/u/	mákùngò	‘segredo’
	kùkùmà	‘encontrar’

Em (3), são apresentadas as 5 vogais do Citshwa. Tal como refere Hyman (2003), a distribuição das vogais nas línguas ocorre dentro das características morfológicas específicas e nos domínios dos traços prosódicos. Algumas línguas bantu que contêm 5 vogais, como é o caso do Citshwa,

têm uma restrita distribuição por posições dentro do radical ou da palavra. Além destas vogais, nesta língua, são comuns vogais longas, ainda que este alongamento não seja distintivo, apenas desempenhando uma função demarcativa nalgumas palavras, como se mostra em (4):

4. Distribuição das vogais longas em Citshwa			
/a/	màmbà	[mà:mbà]	‘cerimónia tradicional’
	fámà	[fá:mbà]	‘imperativo do verbo andar’
	lènyá	[lènjá:]	‘pronomes locativo/além’
/u/	kùkùmà	[kùkù:mà]	‘encontrar’
/e/	khálé	[khálé:]	adv. tempo’

Em (4), mostra-se que as vogais em Citshwa podem ser longas, um alongamento meramente demarcativo que geralmente ocorre na penúltima sílaba, na última ou ainda na primeira sílaba por razões enfáticas. Por ser predizível durante a enunciação optou-se por não representá-lo na ortografia.

em relação: (i) ao recuo da língua: 2 não recuadas [i] e [e], 1 central [a] e 2 recuadas [u] e [o]; (ii) à altura do dorso da língua: 2 altas ou fechadas [i] e [u], 2 médias ou semi-fechadas (abertas) [e] e [o], 1 baixa ou aberta [a]; (iii) ao arredondamento dos lábios: 3 não arredondadas [i], [e] e [a] e 2 arredondadas [u] e [o].

No quadro da fonologia generativa de Chomsky e Halle (1968), as 5 vogais cardinais do Citshwa podem ser distribuídas

Tendo em conta os traços distintivos, na Tabela 1 apresenta-se a matriz dos principais traços das vogais acima descritas:

TABELA 1 - Distribuição das (5) vogais do Citshwa tendo em conta os traços distintivos

Vogal	i	e	a	o	u
Alta	+	-	-	-	+
Baixa	-	-	+	-	-
Anterior	+	+	-	-	-
Arredondada	-	-	-	+	+
Tensa	+	-	-	-	+

Estratégias de resolução de hiatos

Aqui são descritas as estratégias com vista à resolução de hiatos em Citshwa, nomeadamente, semivocalização, elisão e coalescência ou fusão. Tratando-se de uma realidade fonológica, em termos de estrutura da sílaba, algumas línguas bantu não aceitam a sequência -VV-, razão pela qual elas recorrem a várias estratégias e/ou processos fonológicos para a resolução de

hiatos. Nesta ordem de ideias, autores como Ngunga (2000), Hyman, (2003), Kadenge (2010), Langa (2013), Macalane (2013), entre outros, destacam estes processos de que as línguas dispõem com vista à resolução de hiatos.

Semivocalização

Semivocalização é um processo em que um segmento vocálico perde o traço [+sil]. Confirme-se nos dados abaixo:

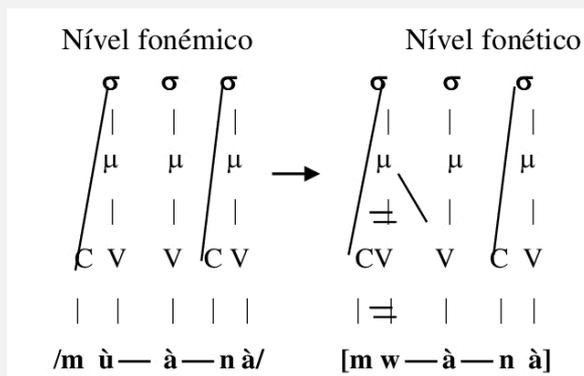
5.	Semivocalização		
i)	/mù+ànà/	[mϕànà]	‘filho/a’
ii)	/tikù+íni/	[tikϕéni]	‘na terra’
iii)	/ndzilù+íni/	[ndzilϕéni]	‘no lume’
iv)	/n’simù + íni/	[simϕíni]	‘na machamba’
v)	/mùbèdù + íni/	[mùbèdϕíni]	‘na cama’

Os dados em (5) mostram que nesta língua a perda do traço [+sil] pela vogal [+alt, +rec] quando seguida por pelo segmento [-arr) resulta na semivogal [w], o que se pode formalizar da seguinte maneira:

Olhando para a fonologia auto-segmental de Goldsmith (1976), em (7), a transformação da vogal [+rec, +alt] na semivogal [+rec] pode ser demonstrada pelo seguinte processo:

$$6. \quad /+sil, +alt, +rec/ \longrightarrow [-sil] / \text{---} [+alt, -rec]$$

7. Transformação de /u/ em [w]



Em *mwànà*, a vogal do prefixo nominal perde o traço [+sil]. Como se pode ver, nesta língua, a perda deste traço fonológico implica o desaparecimento da mora que suporta a vogal.

Elisão

A sequência de duas vogais -VV- pode resultar na elisão de uma delas. Este fenómeno pode ser confirmado nos exemplos em (8):

bxo], com propriedades semelhantes às das duas vogais que lhe dão origem.

Vogal harmónica

Segundo Schroeder (2010, p. 12) e Childs (2003, p. 68), harmonia vocálica é um fenómeno comum nas línguas em que uma vogal ou uma sequência de vogais se harmonizam em função de certas propriedades. Esta harmonia é notável em contextos de derivação, sobretudo em extensões verbais (ex: extensões causativa,

aplicativa, reversiva/separativa, entre outras combinações). Bakovic (2002, p. 1) *apud* Kadenge (2010, p. 244) define harmonia vocálica como um processo em que as vogais adjacentes a sílabas no determinado domínio da palavra concordam com outras em termos de traços ou características que as identificam. Para Childs (2003, p. 67), a vogal harmónica consiste na partilha de uma característica, tipicamente em vogais não contíguas, separadas por um segmento do tipo -C-.

13. Harmonia vocálica

		Raiz + Ext. Aplic. + VF	
i	/gondz + el + a/	[kùgòꞤdzélà]	‘estudar para’
ii	/tsal + el + a/	[kùtsàlélà]	‘escrever para’
iii	/hlamul + el + a/	[kùꞤàmùlélà]	‘responder por’
iv	/tsutsum + is + a/	[kùtsùtsùmísà]	‘fazer correr’
v	/tsutsum + is + a/	[kùtsùtsùmísà]	‘fazer correr’
vi	/kin + is + a/	[kùkinísà]	‘fazer dançar’
vii	/hlamb + is + a/	[kùꞤàmbísà]	‘fazer nadar’

Nos dados acima, a extensão aplicativa -él-^{vi} do tipo -VC- associa-se a vários radicais que contêm vogais primárias e secundárias. Observe-se que a vogal da extensão mantém seus traços fonológicos quando é antecedida pela vogal secundária /-rec, -alt, -bx/ em (i), e, também, como tal, quando é precedida por vogais primárias [+bx] e [+rec, +alt] em (ii, iii), respectivamente. Esta situação mostra que em Citshwa, diferente das línguas como, Nambya^{vii} (KADENGE, 2010) e Ciyaawo^{viii} (NGUNGA, 2000, 2004) não existe harmonia vocálica pelo menos em contextos derivados como os ilustrados acima. Por outras palavras, a distribuição dos morfemas de extensão aplicativa e causativa resume-se exclusivamente a processo morfológico e não é condicionada fonologicamente.

Consoantes

Consoantes são sons em cuja produção o ar sofre alguma obstrução (total ou parcial) ao longo do seu percurso na cavidade bucal ou na cavidade nasal. Estes sons caracterizam-se pelo facto de: i) terem o ponto fixo de articulação; ii) ocorrerem sempre à margem da sílaba; iii) terem menos duração do que as vogais; iv) soarem sempre como uma espécie de vogal (KATAMBA, 1989; NGUNGA, 2004, 2014). A seguir, com base em exemplos, são apresentadas as consoantes do Citshwa.

A Tabela 2 mostra a distribuição das consoantes do Citshwa a partir dos seus ponto e modo de articulação. Na tabela, onde os símbolos estão aos pares, o primeiro à esquerda representa o segmento não vozeado:

TABELA 2 - Consoantes do Citshwa a partir de diferentes pontos e modos de articulação

Modo/lugar	Labial	L. Dental	Alveolar	Retrof.	Palatal	L. Velar	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d		c ɟ		k g	
Implosiva	ɓ		ɗ					
Nasal	m		n		ɲ		ŋ	
Africada	ps bz	pf bv	tʃ dʒ					
Fricativa		f v	s z	ʃ ʒ	ç ʝ			h
Lat. Fricativa			ɬ ɮ					
Lat. Aprox.		ʋ	l		ʎ			
V. Simples			r					
Aproximante					j	w		

14. Distribuição das consoantes do Citshwa

Grafema		Representação fonética	
b	kùbikà	[kùbikà]	‘cozinhar’
b'	b'ásà	[kùásà]	‘branco’
bv	kùbvùn'wàlá	[kùbvùn'wàlá]	mergulhar
bz	kùbzálà	[kùbzálà]	‘semear’
c	còmélò	[còmélò]	‘fermento’
d	kùchàdà	[kùchàdà]	‘casar-se’
d'	kùd'áyà	[kùd'áyà]	‘matar’
dl	ndlòvù	[ndlòvù]	‘elefante’
f	xìfúvà	[xìfúvà]	‘peito’
g	vàgùmà	[vàgùmà]	‘conector/ eles depois..’
h	kùhàntlísà	[kùhàntlísà]	‘andar depressa’
hl	kùhlàyisíwà	[kùhlàyisíwà]	‘ser cuidado’
j	jáhà	[jáhà]	‘rapaz’
k	kùtsíkà	[kùtsíkà]	‘deixar’
l	kùkúlà	[kùkúlà]	‘crescer’
lh	lhùláméthì	[lhùláméthì]	‘eucalipto’
m	kùkúmà	[kùkúmà]	‘encontrar’
n	tikwéni	[tikwéni]	‘na terra’
ng	màkúngò	[màkúngò]	‘segredo’
ny	nsínyà	[nsínyà]	‘árvore’
p	phùlùkílè	[phùlùkílè]	‘deu à luz’
pf	mùpfùmbà	[mùpfùmbà]	‘hóspede’
r	ríbzè	[ríbzè]	‘pedra’
s	hànsi	[hànsi]	‘em baixo’
t	kwàtíni	[kwàtíni]	‘no mato’
ts	kùtsíkà	[kùtsíkà]	‘deixar’
v	vhólò	[vhólò]	‘manta’
w	wákwe	[wákwe]	‘dele, pronome’
x	xákà	[xákà]	‘parente’
xj	xjèlérà	[xjèlérà]	‘geleira’
y	yená	[yená]	‘ele, pronome’
z	nyèzàni	[nyèzàni]	estrela’
zv	kùzvítivà	[kùzvítivà]	‘saber’

Ainda que sejam raras, em Citshwa, ocorrem algumas consoantes ‘não pulmonares’^{ix}, como, por exemplo, o clique pós-alveolar não vozeado [!], representado

pelo grafema **q** na ortografia, o clique pós-alveolar vozeado [g!], representado pelo grafema **gq** e o clique velar nasal [ʔ!], respectivamente:

15. Consoantes não pulmonares

Grafema	Representação fonética		
q	mùkhòqó	[mùkʔò!ó]	‘beco’
gq	gqéké	[g!éké]	‘pátio/terreno’
nq	nqóló	[ʔ!óló]	‘carroça’

Nos dados em (15), fez-se a combinação dos grafemas do Citshwa com os respectivos símbolos fonéticos. Há casos em que é possível observar a co-articulação, isto é, sons cuja produção envolve dois

articuladores, como é o caso dos sons africados. Na tabela seguinte são descritas as consoantes do Citshwa no âmbito dos traços distintivos das sonorantes.

TABELA 3 - Matriz de alguns traços distintivos das sonorantes do Citshwa

	m	n	ɲ	ŋ	l	r	j	w	v	ʔ	ʔ̥
Consonântico	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+	+
Contínuo	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
Nasal	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	+	-	-	-	+	+	+
Anterior	+	+	+	-	+	+	+	-	+	+	+
Coronal	-	+	+	-	+	+	+	-	-	+	+
Alto	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-	-
Recuado	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-

Na Tabela 3, foram apresentados os traços distintivos das sonorantes do Citshwa. Alguns sons foram sistematizados por Katamba (1989, p. 54/). Em contrapartida, este autor não inclui as três últimas consoantes que constam da tabela, designadamente, a lateral aproximante lábio-dental [ʔ̥], bem como as duas laterais fricativas alveolares não vozeada e vozeada, respectivamente, [ʔ̥] e [ʔ̥̥], consoantes

que, fonologicamente, sofrem um vozeamento espontâneo durante a sua produção, facto que justifica a sua classificação como soantes do Citshwa no presente estudo.

A Tabela 4 que se segue mostra a matriz de traços fonológicos das obstruentes do Citshwa:

TABELA 4 - Traços distintivos das obstruentes do Citshwa

+voz	b	d	ɓ	ɗ	ɟ	g	v	z	ʒ	ʒ	h	bz	bv
-voz	p	t			c	k	f	s	ʃ	ʃ		ps	pf
Contínuo	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	-	-
Estridente	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+
Distribuído	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-	-
Anterior	+	+	+	+	-	-	+	+	-	-	-	+	+
Labial	+	-	+	-	-	-	+	-	-	-	-	+	+
Coronal	-	+	-	+	+	-	-	+	+	+	-	-	-
Alto	-	-	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-

Na Tabela 4 foram descritas as consoantes obstruentes do Citshwa. Paralelamente à proposta de Katamba (1989, p. 55), nesta tabela, julgou-se fundamental acrescentar as duas africadas: a lábio-alveolar não vozeada [ps] e a lábio-alveolar vozeada [bz].

Processos fonológicos envolvendo consoantes do Citshwa

Em todas as línguas naturais, quando estão contextualmente, os sons próximos sofrem várias modificações. Estas modificações podem ser classificadas em função do tipo

de transformação, podendo incidir na partilha, assimilação, bem como na dissimilação de vários traços fonológicos (ponto de articulação, modo de articulação, vozeamento).

Assimilação

A assimilação consiste na partilha de traços, fazendo com que dois segmentos (vizinhos) se tornem semelhantes no que concerne a uma determinada propriedade fonológica. Nos dados que se seguem, observe-se os alomorfes da nasal fonémica, representada por /N/:

16.	Nasal homorgâmica		
i)	mbílú	[mbílú]	‘coração’
ii)	mbútí	[mbútí]	‘cabrito’
iii)	mùzimbà	[mùzimbà]	‘corpo’
iv)	nsínyà	[ sí ̀ à]	‘árvore’
v)	ntímà	[ tímà]	‘preto’
vi)	nkólò	[ kólò]	‘pescoço’
vii)	nyámà	[̀ ámà]	‘carne’
viii)	nyóxi	[̀ ó ̀ i]	‘abelha’
ix)	nyímbà	[̀ ímbà]	‘gravidez’
x)	ngálávà	[ gálá ̀ và]	‘barco’
xi)	ngwényà	[ é ̀ à]	‘crocodilo’
xii)	sàngù	[sà ̀ ù]	‘esteira’

Fazendo-se uma observação atenta nos dados acima, nota-se a ocorrência de alterações do morfema que marca o singular dos nomes da classe 9^x, que pode ser representado pela nasal /N/ (sem o ponto de articulação previamente definido). Na estrutura fonética, em todos os dados, esta nasal assimila os traços das consoantes seguintes, concretamente o ponto de

articulação. Ou seja, quando antecede as consoantes bilabiais (em i, ii, iii), alveolares (em iv, v, vi), palatais (em vi, viii, ix) e velares (em x, xi e xii) a nasal torna-se [m], [n], [̀] e [], respectivamente.

A regra que explica estas alterações pode ser formulada da seguinte maneira:

17.	/+nas /	→	+nas]	—	[+cons]
			[α lugar]		[α lugar]

Além deste processo fonológico, algumas consoantes do Citshwa sofrem modificações e/ou alterações, destacando-se a nasalização, a aspiração, a africatação e a velarização.

Velarização/labialização

A produção das consoantes, tanto nasais como orais, pode ser feita com um ligeiro arredondamento dos lábios e/ou uma ligeira

constricção velar. Este fenómeno chama-se labialização (se as consoantes em causa forem não-labiaes) ou velarização (se as consoantes em causa forem labiais

(NGUNGA, 2004; NGUNGA e SIMBINE, 2012, p. 54). Vejam-se os dados que se seguem:

18. Labialização/velarização			
i)	mwàna	[m ^h àna]	‘filho/a’
ii)	kùnwà	[kùn ^h à]	‘beber’
iii)	kòkwàni	[kòk ^h áni]	‘avó’
iv)	kwáti	[k ^h áti]	‘mato’
v)	ngwàna	[ŋ ^h g ^h àna]	‘cão’
vi)	zvákúgà	[z ^h ákúgà]	‘comida’

Em (i), a nasal [+ant, -cor] assimila os traços do som [-sil, +alt, +rec, +cont], neste caso, a velar seguinte. Na ortografia, tal como se pode ver, este fenómeno é representado pelo grafema **w**. Nestes dados, a labialização não afecta as consoantes/n/ (ii), /k/, (iii, iv,) e /ng/ (v).

Pré-nasalização

Segundo Katamba (1989, p. 93), nasalização é um processo em que um som oral adquire traços (nasais) do outro (som) que estão contextualmente próximos.

19. Pré-nasalização das consoantes do Citshwa

i)	cikàmbà	[cikàmbà]	‘unha’
ii)	mbùti	[mbùti]	‘cabrito’
iii)	ndlèvé	[ndlè ^h é]	‘orelha’
iv)	nsúnà	[nsúnà]	‘mosquito’
v)	nkhàtá	[^h k ^h áta]	‘sangue’
vi)	cimángà	[cimá ^h gà]	‘gato’

Em (i e ii), a oclusiva oral [b] é pré-nasalizada quando ocorre depois da nasal bilabial. Ainda nestes dados, em (iii, iv, v) ocorre a pré-nasalização das consoantes [d], [s] e [k]. Portanto, a pré-nasalização, sendo proeminentemente audível, além das consoantes, pode, também, afectar algumas vogais orais como é o caso da vogal [+bxo] em (vi). Com base nestes exemplos, pode-se aferir que as oclusivas, assim como as fricativas podem ser pré-nasalizadas: [mb];

[nd]; [^hk]; [^hg]; [ns], uma vez precedidas por [m] ou [n].

Aspiração

Este processo acontece quando, na produção de uma consoante oclusiva ou africada, o volume do ar proveniente dos pulmões continua a libertar-se continuamente após a explosão inicial (NGUNGA e SIMBINE, 2012, p. 60). Vejam-se os dados abaixo:

20. Aspiração das consoantes do Citshwa

i)	phàphátànè	[p ^h àp ^h átáni]	‘borboleta’
ii)	nhòvù	[n ^h òvò]	‘nariz’
iii)	nkhátá	[^h k ^h átá]	‘sangue’
iv)	khónà	[k ^h ónà]	‘canto da parede’
v)	khùmbà	[k ^h ùmbà]	‘porco’
vi)	wùthápà	[wùt ^h ápà]	‘verde’

A aspiração em Citshwa não é distintiva. Observando-se os dados, verifica-se que esta modificação pode afectar algumas consoantes vozeadas como é o caso da nasal alveolar [n] em (ii) e, maioritariamente, as não vozeadas [p], [t] e [k] em (i, iii, iv e v).

Africatização

Este fenómeno ocorre e afecta algumas consoantes oclusivas do Citshwa, com maior frequência as duas oclusivas alveolares [t] e [d], que são sempre combinadas com as duas fricativas [s] e [z], respectivamente, tal como ilustram os dados abaixo:

21. Africatização das consoantes do Citshwa

i)	dzólò	[dzólò]	‘joelho’
ii)	màndzíkù	[màndzíkù]	‘amanhã’
iii)	cíbòtsò	[cíbòtsò]	‘cágado’
iv)	cítsùngà	[cítsùŋà]	‘montanha’
v)	kùtsíkà	[kùtsíkà]	‘deixar’

Na ortografia, este processo é marcado pelo grafema **z** se a consoante envolvida for vozeada como é o caso de (i, ii), ou pelo grafema **s** se a consoante afectada for não vozeada em (iii, iv, v).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da Fonologia Generativa de Chomsky e Halle (1968) e Fonologia Auto-segmental de Goldsmith (1976), o estudo pretendia descrever a fonologia segmental do Citshwa. Analisados os dados, o estudo mostra que as 5 vogais fonémicas desta língua distribuem-se dentro das específicas características morfológicas e têm uma restrita distribuição por posições dentro de cada radical ou palavra. Além destas vogais cardinais, são comuns vogais longas, embora se trate de um alongamento não distintivo, isto é, fonético. O alongamento das vogais em causa é predizível durante a fala e não é necessária a sua representação na ortografia.

Com base nas duas teorias seleccionadas, foi possível mostrar que todas as vogais são fonologicamente condicionadas por vários factores como: semivocalização, fusão e elisão. Quanto à harmonia vocálica, em Citshwa, o carácter primário e/ou secundário da vogal da extensão não depende da vogal do radical. As duas

extensões estudadas, a aplicativa e causativa, mostram que a sua distribuição se realiza morfológicamente e não é condicionada fonologicamente, visto que a sua ocorrência não depende da qualidade da vogal do radical.

No que diz respeito às consoantes, em Citshwa, a partir dos traços distintivos foram descritos os dois principais grupos, a saber: soantes e obstruentes. Nos sons sistematizados por Katamba (1989), o estudo acrescenta as 3 consoantes soantes, nomeadamente, a lateral aproximante lábio-dental [ɸ], bem como as duas laterais fricativas alveolares não vozeada e vozeada, respectivamente, [ɸ̥] e [ɸ̣]. Apesar de serem raras em Citshwa, foi possível descrever algumas consoantes ‘não pulmonares’. Entretanto, à semelhança das vogais, estes sons sofrem alguns processos fonológicos, como é o caso de assimilação e modificações, desde a aspiração, labialização, velarização, pré-nasalização até à africatização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A.; VIANA, M. do Céu. Fonética. In: FARIA *et al.* *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1996, p. 115-170.

- CAMARGOS, Q.; MANUEL, I. e MACHAVELE, D. Causação directa e indirecta na língua Citshwa”. In: III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE DINÂMICAS SOCIAIS EM ÁFRICA. Maputo: UEM. 2014, p. 1-16.
- CARVALHO, J. *Metodologia do trabalho científico: saber fazer da investigação para dissertações*. 2ª Edição. Lisboa: Editora Escolar. 2009.
- CHAMBO, G. Revitalização dos ambientes participativos e interactivos na educação bilingue em Moçambique através do Translanguaging e do Cross-Culturalearning. (Tese de Doutoramento em Estudos Linguísticos não publicada) - Curso de Doutoramento em Estudos Linguísticos, Universidade de Viego. 2018.
- CHAMUSSO, N. A. O Impacto do Contexto Cultural para a Interpretação e Tradução de Provérbios de Citshwa para o Português. (Tese de Licenciatura em Linguística não publicada) – Curso de Licenciatura em Linguística. FLCS. UEM: Maputo. 1996.
- CHILDS, G. T. *An Introduction to African languages*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins B. V. 2003.
- CHIVAMBO, A. A locativização em Citshwa. Maputo: UEM. (Dissertação de Mestrado em Linguística não publicada) – Curso de Mestrado em Linguística. FLCS. UEM: Maputo. 2013.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound pattern of English*. New York: Harper and Row. 1968.
- CHUNGUANE, A. J. Descrição das estratégias de locativização em Citshwa, variante Chihlengwe. (Tese de Licenciatura na publicada). Curso de Licenciatura em Linguística. FLCS. UEM: Maputo, 2003.
- CUMBANE, R. As construções de duplo objecto em Citshwa: repercussões em falantes do português língua não materna. (Tese de doutoramento não publicada). Curso de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Letras. Departamento de Linguística Geral e Românica. Lisboa: Universidade de Lisboa. 2008.
- DORNYEI, Z.; TAGUCHI, T. *Questionnaires in second language acquisition research: construction, administration and processing*. 2ª Edição. New York: Routledge. University of Nottingham. 2010.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário das Ciências de Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1982.
- GOLDSMITH, J. A. Autosegmental Phonology. (Tese de Doutoramento) – Departamento de Linguística e Literaturas Estrangeiras. Massachusetts: The MIT Press. 1976. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/theses/goldsmith76.pdf>. acesso em 1 de Agosto de 2020.
- GOLDSMITH, J.; LAKS, B. Generative phonology: its origins, its principles, and its successors. In: WAUGH, L.; JOSEPH, J. (Org). *The Cambridge History of Linguistics*. University Press. 2012, p. 1-22.
- GONÇALVES, C. A. Por uma abordagem auto-segmental para a morfologia. In: *Cadernos de Letras*. UFF. n.º.39. 2009, p. 211-232.
- GUNDANE, L. *Mini Gramática Descritiva de Citshwa e Glossário Temático*. Maxixe: Editora UniSaF. 2019.
- GUNDANE, L. *Morfologia e Fonologia Lexical em Citshwa. Uma análise e Descrição das Categorias TAMP em Bantu*. Saarbrücken: Novas edições académicas. 2018.
- GUTHRIE, M. Observações sobre classes nominais nas línguas Bantu. In: *Boletim da Escola Oriental e Estudos Africanos*. Vol. 18. N. 3. Universidade de Londres. 1956, p. 545-555.
- GUTHRIE, M. *The Classification of the Bantu Languages*. London & New York: Oxford University Press: 1948.

- HARFORD, C. When two vowels go walking: vowel coalescence in Shona. In: *Zambezia*. xxiv. 1997, p. 69-85.
- HYMAN, L. M. Segmental Phonology. In: NURSE, D.; G. PHILLIPPSON, G. (Eds). *The bantu languages*. Taylor & Francis Routledge (Routledge language family series). V. 4. London & New York: Routledge. 2003, p. 1-30.
- HOMO, H. C. Variação do Citshwa: uma Análise Comparativa do Cihlengwe Falado no Distrito de Massinga e Cimhandla do Distrito de Vilankulo. (Monografia Científica) – Curso de Licenciatura em Ensino de Português. UniSave: Maxixe. 2021.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017: Resultados Definitivos – Moçambique*, Maputo: INE. 2019.
- KADENGE, M. Some Segmental Phonological Process Involving Vowels in Nambya: A preliminary Descriptive Account. In: *Journal of Pan African Studies*. Vol. III. Nº. 6. 2010, p. 239-252.
- KATAMBA, F. *An Introduction to Phonology: Learning About Language*. London and New York: Longman. 1989.
- KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: (The Linguistic Society of Korea). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin P. Company. 1982.p. 3-91.
- LANGA, D. *Morfofonologia do verbo em Changana*. Maputo: UEM – CEA. 2013.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU. 1988.
- MACALANE, G. *A variação paramétrica das interrogativas parciais em Cinyanja*. Maputo: UEM – CEA. 2013.
- MALMKJAER, K. *The linguistics Encyclopedia*. 2.^a Edição. London e New York: Routledge. 2002.
- MATEUS, M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 6^a Edição. Lisboa: Caminho. 2003.
- MATEUS, M; FALÉ, I.; FREITAS, M. *Fonética e fonologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta. 2005.
- MEEUSSEN A. E. Bantu grammatical reconstructions. In: *Africana Linguística*. V. 3, 1967, p. 79-121. Doi: <https://doi.org/10.3406/aflin.1967.873>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/aflin_2033-8732_1967_num_3_1_873. Acesso em 3 de Agosto de 2020.
- MUANDO, H. Tempo e Aspecto em Citshwa. In: *Kulambela – Revista Moçambicana de Ciências e Estudos da Educação e Ciências Sociais e Humanas*. Vol. I, N.14. Universidade Rovuma-Cabo Delgado. 2020, p. 1-14.
- NGUNGA, A. *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária. 2004.
- NGUNGA, A. *Phonology and morphology of the ciyao verb*. Califórnia: CSLI. 2000.
- NGUNGA, A.; FAQUIR, O. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário*. Maputo: CEA – UEM. 2011.
- NGUNGA, A.; SIMBINE, M. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: CEA – UEM. 2012.
- PERSON, J. A. *Outlines of Tswa Gramma*. General Mission Press: Cleveland. 1932.
- RUIZ, J. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 6^a Edição. São Paulo: Atlas. 2009.
- SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa: projectos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores. 2006.
- SCHROEDER, L. *Bantu orthography manual: For linguistic and literacy fieldworkers*. USA: Sil e-books. 2010.

SEMENDE, A. Escrita conjuntiva em língua Citshwa: uma análise comparativa no contexto formal e informal de ponto de vista morfossintático. (Monografia Científica não publicada) – Curso de Licenciatura em Ensino de Português. UniSave: Maxixe. 2020.

UGEMBE, Z. O tom verbal em Xitshwa. (Dissertação de Mestrado não publicada) –

Curso de Mestrado em Linguística, FLCS. UEM: Maputo. 2011.

UGEMBE, Z. O tom melódico em Citshwa. (Tese de Doutoramento não publicada). Doutoramento em Linguística, FLCS. UEM: Maputo. 2020.

VERGARA, S. *Projectos e relatórios de pesquisa em administração*. 12ª Edição. São Paulo: Atlas. 2010.

ⁱ Fonema é unidade mínima de análise fonológica. Os fonemas são representados entre barras oblíquas //. A sua realização física é designada por fone e este é representado entre parênteses rectos [].

ⁱⁱ Para Goldsmith e Laks (2012, p. 14), a fonologia de uma língua é dividida em dois componentes distintos, nomeadamente, fonologia lexical e fonologia pós-lexical.

ⁱⁱⁱ Mora é entendida como unidade de peso fonológico. Unidade de som usada em fonologia que determina o peso silábico em algumas línguas.

^{iv} Estes autores pretendiam verificar se o Citshwa apresentava mecanismos que pudessem distinguir a causação directa da causação indirecta, tendo notado que a causativa morfológica produtiva é invariante e o seu sufixo causativo sempre é a extensão *-is*. Além do mais, essa causativa produtiva está directamente associada à causação indirecta: quando as acções do causador não apresentam um impacto directo e imediato sobre o causado.

^v Para Philips (1974, p. 187); Caulley (1981) citado por Ludke e André (1988, p. 34), a pesquisa documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse.

^{vi} A extensão applicativa ou dativa/benefáctica *-il-*, também designada por ‘preposicional’ ou ‘directiva’, indica que o estado ou a acção descrita é realizada em benefício de alguém. Deriva de verbos

transitivos e o objecto é geralmente um beneficiário, um instrumento, bem como um advérbio de lugar ou de tempo.

^{vii} Em Nambya, a extensão applicativa *-il-* realiza-se como *il-* quando é imediatamente precedida por vogais como [i], [a], [u] e como *-él-* quando é precedida por vogais como [o] e [e]. Esta língua é caracterizada por uma bidireccional vogal harmónica que exhibe ambas as harmonias: regressiva, quando envolve alternância prefixal e progressiva, quando envolve alternância sufixal, (KADENGE, 2010).

^{viii} Nesta língua, a harmonia vocálica é produtiva e é notável sobretudo nos processos de afixação de sufixos verbais.

^{ix} Trata-se de sons cuja produção não envolve o ar pulmonar, podendo, este, ser faringal expirado ou ainda bucal, para o caso dos cliques.

^x Guthrie (1956) classifica os nomes em função dos seus significados e dos prefixos de concordância. Esta classificação resulta precisamente de atribuição de prefixos aos nomes de acordo com os padrões de sua concordância e dos significados entre as diversas línguas bantu faladas em África. Assim, os nomes são, sistematicamente, organizados em classes. Nestes exemplos, a nasal /N/, da classe 9, singular da classe 10, descreve nomes de animais e algumas partes do corpo humano.